

IDENTIDADE SUTIL

Ensino durante o retiro de verão Viamão jan 2012 - grupo Tutores e Facilitadores

Vamos olhar os quatro aspectos de como podemos acessar a Presença. Esses quatro aspectos surgem também como formas de compreendermos melhor o que seja a noção da Presença. Eu acho que o bom mesmo seria praticar de forma mais extensa, mas como não estamos com muito tempo, vamos adiante, e isso vai virar um estímulo para vocês praticarem em retiro, etc.

Então, estamos praticando Presença. Quando vocês olharem o movimento da mente ressurgindo - nós temos esse aspecto da mente que é o pensar, mas o pensar já é muito complexo; pensar já é a mente bem mais grosseira, existe a mente que constrói as coisas; a mente luminosa. Tudo isso é a mente; durante um longo tempo não tínhamos a capacidade de compreender tudo o que a mente estava fazendo, nós olhávamos a mente apenas como “aquilo que pensa”; não víamos a mente construindo os objetos sobre os quais a iríamos pensar depois. Por exemplo, no caso do jogo de xadrez: quando estamos pensando sobre as jogadas, achamos que a mente é apenas o que está pensando, mas a mente está construindo cada peça, está dando significado para cada coisa sobre a qual eu vou pensar depois. Isso é ação da mente.

Nesse momento, nós estamos vendo que a mente está fazendo muito mais coisas do que nós poderíamos pensar - tem esse aspecto luminoso que é a construção das coisas, mas antes da construção das coisas, vocês vão ver que a mente - antes de produzir coisas - ela movimenta energia. Vocês vão perceber que o conteúdo dos objetos é a energia que está associada aos objetos; antes de surgir o objeto, surge a energia - os objetos não têm poder nenhum se não surgir a energia, ela é anterior ao próprio objeto; o objeto é uma concepção sobre o movimento da energia.

A mente muito sutil produz esse movimento da energia como se fosse uma bolhazinha de energia. Nós olhamos a bolhazinha e vemos um conceito, uma descrição; quando nós descrevemos isso e começamos a associar bolhazinha com bolhazinha, a mente causal começa a operar, mas antes dessa mente causal operar, antes da própria bolhazinha surgir como conceito, tem um movimento de energia. Isso não é muito difícil de entender - vocês observem que múltiplos seres operam sem a conceitualização e sem o pensar também. A bolhazinha de energia opera, estabelece relação com as coisas e se movimenta. Nós poderíamos dizer assim - talvez não seja um bom exemplo, precisaríamos olhar com cuidado - mas, vamos supor que as plantas não tenham nem o processo causal (na verdade elas têm, mas poderíamos abstrair isso) nem tão pouco o aspecto conceitual, mas elas têm o movimento da energia: elas são capazes de fazer coisas, produzir fotossíntese, crescer e fazer vários movimentos.

Nós precisaríamos observar em nós uma mente muito sutil que produz esse movimento da energia que não é ainda um conceito. Aí surge um ponto interessante - se retornarmos à natureza primordial e à presença, olhamos a energia nesses casos e vamos ver que tem uma fonte contínua, incessante de energia. Quando estamos praticando a Presença é bom que a gente pratique Presença em nível de

energia; vamos então ver como que a intenção iluminada do Buda Kuntuzangpo - a intenção iluminada de Samantabhadra - é incessante e estável e nós podemos tomar refúgio nessa energia incessante e estável; é a melhor coisa que nós podemos fazer. Nós podemos pegar essa natureza luminosa de Samantabhadra e fazer a energia se ampliar ou diminuir, diminuir - podemos modular isso que é o que eu vou chamar de mudra, na falta de uma palavra melhor.

A primeira coisa é o mudra de energia e Samantabhadra é capaz de fazer isso. Esse mudra de energia é muito, muito importante porque ele está na base de toda maldição - as bênçãos não entram, as bênçãos são a dissolução dos mudras - as maldições são os mudras e nós criamos mudras. Então, vocês podem observar que lá no fundo, no fundo das nossas dificuldades, tem mudras. Os mudras são assim: nós chegamos num certo ponto e a energia se move de um certo jeito porque tem um mudra, uma coisa atada a qual nós nos conectamos. Nós chegamos a um certo ponto e a energia vai fazer alguma coisa porque ela está programada; é um condicionamento sutil, antes dos conceitos. Mas eu não estou entrando pelo departamento das tragédias, das magias, não é isso.

Eu acho melhor usar a noção de mudra - porque essa é a linguagem; nós estamos observando isso. Pode surgir um conceito sobre energia e como nós estamos aqui falando, eu escolhi a palavra “mudra” e geramos um conceito. Toda a criação em nível de energia, se não for sustentada, ela se dissolve; então geramos um conceito e começamos a sustentar essa energia porque senão ela se dissolve; eu posso sustentar ou posso não sustentar, mas eu posso sustentar e esse é um primeiro nascimento, a existência começou. Eu sustento; só que eu posso sustentar de forma autônoma e eu também posso, de repente, começar a ver que os vários mudras podem exercer função um sobre o outro; uma causalidade que surge, e eu posso perceber como que a energia se altera pela operação das coisas ao redor. Então, eu tenho experiência de várias coisas e vejo como elas se colocam e influenciam umas às outras. Nesse momento, eu perco a noção de que eu posso jogar com a energia como alguma coisa que eu faço surgir ou que eu posso olhar a energia como alguma coisa que é manobrada pelas circunstâncias ao redor - que é algo muito parecido com o que já está acontecendo conosco. Por ex: uma criança, se eu quiser mudar a energia dela eu digo: *Endireite a sua cara* - jeito irado - *se aprume, endireite, não chore!* A criança tem a capacidade de fazer isso. Ou então nós oferecemos uma outra coisa que, em vista de outra posição de mente, aquilo se altera. **De modo geral, o samsara inteiro corresponde a esse processo onde nós, não tendo autonomia sobre nossa energia, usamos um processo causal para alterá-la.** Mas antes de adotarmos um processo causal para manobrar a energia, nós temos como que uma identificação com o processo de sustentação daquela energia; aquela energia é nossa própria experiência, geramos essa energia e tratamos de sustentá-la. Podemos sustentá-la por um processo autônomo, mas agora tem como que um voto - um aspecto da mente que decide que aquilo vai ser sustentado. Como num jogo de xadrez - eu posso jogar ou posso não jogar - uma imensa maioria de pessoas não tem atração nenhuma por jogo de xadrez; já outras pessoas, mesmo sabendo que aquilo tudo é artificial e que podem entrar ou não, elas entram! O que significa “entrar”? “Entrar” significa que surge a paisagem, surge a bolha - mas o que mantém a bolha operando? O que mantém a bolha operando é o nível de energia que se dá e eu, por um processo causal, vou manobrando as peças para manter aquele nível de energia; se eu perder o jogo, o meu nível de energia á achatado, então eu vou fazer um grande esforço com a mente, mudando as coisas de um modo causal ao redor para que a energia não caia. A história secreta do jogo de xadrez não é o jogo de xadrez: é o fato de que eu estou preso por um mudra a sustentar uma energia que surgiu não sei como; eu me associei àquele mudra e trato de sustentar aquela energia por um processo causal - eu *entrei* naquilo. Só que o “eu” que entrou naquilo também é um “eu” fabricado; é como se nós, em vez de

repousarmos sobre a natureza primordial, completamente serenos, entrássemos numa energia que está dependente de coisas; ela é um mudra, ela é fabricada, ela tem um tempo para cair, mas eu entro nela e me sinto existindo a partir daquela energia. Se eu perder o jogo, tenho uma sensação de morte, de empalidecimento, de aflição.

Nesse processo, temos que ver como que a identidade de dentro da bolha está operando – ela está operando esse software, ou seja, uma energia que tem um brilho e nós manobramos as condições causais para que essa energia que tem um brilho se mantenha. Isso se torna o centro da inteligência que nós estamos operando dentro da bolha; estamos operando com uma inteligência que está centrada na energia e na própria mente e tentamos sustentar essa experiência de energia nas condições da operação daquela paisagem do jogo de xadrez, no caso. E aquilo produz uma bolha onde tudo está operando baseado nisso. E nós dizemos: *eu gosto disso; eu jogo assim; eu faço isso; eu tenho aquilo* e tem uma inteligência de como sustentar a energia no meio daquilo. Aí brotam os seis reinos, naturalmente: orgulho, inveja, desejo, apego, como reflexos desse ponto, mas se formos olhar, nós temos essa energia que estamos equilibrando. **Então, essencialmente as identidades – todas elas – dentro das bolhas, são inteligências manobradoras, baseadas nessa condição de energia.** Nós vamos então entender perfeitamente os três animais sob o ponto de vista da energia, ou seja, o javali que corresponde à ignorância, o galo que corresponde ao desejo e apego (ou avareza) e a cobra que é a raiva e a defesa. A essência disso é apego só que agora não mais apego a coisas, mas apego ao mudra que sustenta aquela energia. Vocês vão observar: em geral, com as crianças é tudo muito aberto porque se elas têm alguma coisa e se vocês as ajudam a migrar daquele foco para uma outra coisa elas migram porque elas não têm apego a coisas – elas têm apego à energia. Se vocês mostram uma outra energia circulando, elas passam de um mudra para outro; elas não têm nenhum grande sofrimento, mas se vocês as interromperem, elas choram, porque elas têm uma sensação de morte, como nós também! Nós estamos imersos em alguma coisa, quando batemos de frente ou trancamos, nós morremos. É muito mais fácil morrer nos transferindo para outro mudra do que simplesmente morrer e ficar sem mudra nenhum – porque nós temos apego ao apego.

Nossa situação é mais grave ainda: nós não só estamos surgindo como uma estrutura de identidade apegada, como por trás disso, temos a sensação de que se não estivermos apegados a alguma coisa é como se houvesse uma ausência de existência e essa ausência de existência é um pouco aterrorizante. Nós só vamos resolver isso quando migrarmos em direção às cinco sabedorias para fazermos outra coisa; vamos movimentar a energia de outro jeito ou nós tomamos refúgio na natureza primordial e saímos com emanações da natureza primordial para fazer coisas em vários lugares, mas sem a identificação com as energias – somos capazes de movimentar as energias, mas estamos sentados na base da natureza primordial. Estamos fazendo este treinamento.

Nesse momento, eu considero importante localizar como que nós ficamos presos ao processo da identidade; como nós ficamos manobrando coisas por dentro disso e como nós, que de algum modo, já praticamos shamata, temos a capacidade de parar e ver isso se desenhando na nossa frente.

Quando paramos dentro da natureza livre da mente que nós treinamos, não de uma forma direta, mas através da prajnaparamita, pelos oito pontos – porque para olhar os oito pontos temos que estar nessa região livre – quando começamos a ver os oito pontos é porque já estamos na região livre. Se não conseguirmos ver é porque não entramos nisso; se entramos nisso é porque estamos nessa natureza livre e podemos observar a energia dessa natureza livre, podemos tomar refúgio nisso. A partir desse

refúgio, começamos a ver essa noção do mudra – nós o assumimos e ele começa a sustentar aquela energia parcial desse modo: aquilo vira conceito, vira apego, e nós tanto fazemos isso que temos um apego ao processo; esse apego ao processo é essencialmente o apego ao samsara – ele está associado à noção da nossa própria morte então, no mínimo nós estamos sustentando a energia do funcionamento do próprio corpo. Aí já é uma coisa bem mais complexa porque o próprio corpo também tem uma sustentação; é como se ele tivesse várias inteligências; o corpo é uma coletividade e nós temos uma relação com essa coletividade. Então, vamos olhar esses vários pontos.

O **primeiro item** é **a mente que movimenta a energia**; só que aqui eu estou usando a mente num aspecto muito sutil, como aquilo que movimenta a energia.

Aí contemplamos o **item 2** – **a identidade surgindo do apego à sustentação daquela energia-mudra associada a uma inteligência**; é uma paisagem.

Item 3, dissolução da sensação de existência da identidade pela clareza de como isso ocorre. Olhamos isso e nos sentimos liberados de termos que fazer isso, de termos que sustentar essa energia. Então vamos fazer uma contemplação desses três pontos como uma etapa crucial. Essa etapa é como uma extensão da etapa dos oito pontos que estávamos estudando no prajna paramita.

O **quarto ponto** desse roteiro é assim: **olhe o quarto ponto como uma extensão dos três pontos que vieram antes**; é uma reflexão interna sobre o processo: observe os três pontos – 1) a mente que movimenta a energia, 2) a identidade surgindo pelo apego à sustentação da energia e uma inteligência ou uma paisagem que é um mudra - a identidade surgindo como uma fixação a esse mudra - e 3) a dissolução da sensação de existência da identidade pela clareza de como isso ocorre; eu olho isso e recuo e me desvinculo dessa identidade; eu não preciso estar preso a isso, eu dissolvo isso. Considere esses três como parte do roteiro que inclui aqueles oito e medite sobre os oito mais três.

O **quinto ponto** é assim: **veja a identidade livre migrando entre mudras, entre inteligências e energias**. Cada vez que essa identidade livre, que está sem objeto, localiza uma inteligência e energia, ela se sente viva de novo – é como se o olho brilhasse. Se o nosso olho brilha, nós temos a sensação de vida associada a essa conexão; isso é tão óbvio, é o mecanismo dos sonhos! Os sonhos ainda dão uma liberdade maior porque eu estou dentro de um quadro e eu faço evaporar aquela paisagem inteira e aquilo vira uma outra coisa; mas no sonho como um todo, eu estou sempre sustentando uma energia e um mudra, estou sempre encontrando processos causais que vão mudando, só que no caso do sonho eu tenho muito mais liberdade, porque aqui eu estou na dependência de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Lá, eu tenho uma liberdade maior, os objetos mudam, as paisagens mudam, mas eu estou sempre sustentando alguma coisa.

Então, de onde brota a sensação de vida num sonho onde não há vida? Como é que brota a sensação de vida num sonho onde não há vida? A sensação de viver brota desse aspecto. Aí nós contemplamos esse aspecto dessa identidade livre, dessa inteligência livre migrando entre inteligências parciais e energias e assim cada vez que ela conecta, nos sentimos vivos: essa é a essência do engano dentro do samsara. O samsara é magnético, ele nos prende, porque estamos nesse jogo. Paradoxalmente, estranhamente, inacreditavelmente nos sentimos vivos no meio disso; mas mais importante é que nos sentimos vivos, mas sempre um pouco aflitos, porque estamos indo numa direção evitando uma coisa e construindo outra. E o que nós estamos construindo? Estamos procurando condições ao redor que possibilitem aquela energia se sustentar. Eu acho que essas

imagens de animação de vídeo são muito interessantes - olhem o sonho como uma animação de vídeo: aquilo parado, mas, na mente, aquilo está andando; na verdade é só um desenho que está movimentando a energia. É como se estivéssemos sempre quase caindo – tropeçamos e estamos quase caindo – vamos tentando equilibrar a energia manobrando as condições ao redor; isso é um sonho. O sonho é sempre isso: nós estamos fazendo alguma coisa e equilibrando algo (o conteúdo não importa – estamos fazendo sempre isso).

Em shamata, nós paramos e equilibramos a energia num estado parcial, particular da mente – amortecemos as coisas, equilibramos a energia; se conseguirmos nos associar a essa energia – não a energia fabricada, pois shamata pode ser um mudra – podemos ultrapassar isso. Se ela for um mudra, eu termino a meditação e saio assim, preso a uma configuração. ... Se eu observar essa construção e pensar: *Eu não preciso fazer isso!* eu sinto um alívio.

Vamos supor que você pense assim:

Vou comprar uma casa na praia – esse ano eu quero ir pra praia na minha casa!

Calma! Eu não vou comprar uma casa, me endividar, ficar pagando prestação, complicar minha vida – eu nem vou pra praia! Eu vou fazer uma outra coisa. Que bom! Dá um alívio, mas aquela identidade se foi ou fica recolhida aguardando para contra-atacar...

Mas, se não tivermos alguma coisa que nós estejamos segurando, temos uma sensação estranha, a não ser que a gente já tenha se liberado desse processo – aí vem a noção de liberação. Na verdade, liberação de vida, porque a sensação de vida está associada à mente operando, sustentando uma energia. Nós saltamos de uma coisa para outra; estamos sempre ocupados e isso é a ocupação dentro do samsara e essa ocupação não parece que vem de fora, ela brota de dentro. Nós fazemos isso dormindo, sonhando – sempre esse software. Precisáramos contemplar com cuidado isso. **Se conseguirmos olhar isso, recuperar especialmente a fonte de energia primordial, se conseguirmos operar a energia a partir dessa fonte serena, nós nos liberamos desse processo;** especialmente se entendermos como é esse processo porque quando ele começar, nós conseguiremos localizar; a sabedoria primordial vai localizar aquilo: *Vou fazer isso? Não vou!* Também posso entrar sem ficar preso: *eu vou, mas não estou preso.*

Resposta a uma pergunta:

O mudra vem antes – é o primeiro movimento desde a natureza primordial – dá um nó e aquilo pode ser sustentado, ou não. Se eu sustentar, surge um eu porque esse processo de sustentação dá origem a alguma coisa que eu posso ver. Eu vejo isso sendo sustentado – eu vejo a energia, estou sustentando isso e um pouco adiante eu posso dizer que tem um “eu” ali. Por enquanto, não tem paisagem; para surgir a paisagem, eu tenho que estabelecer relação com outros mudras, coisas que afetam essa energia e, no fim, eu gero uma noção de mundo onde as coisas estão inter relacionadas porque eu estou vendo muitas diferentes coisas e como elas se refletem e vou olhando, tenho uma noção complexa de realidade que vai gerar uma paisagem, uma noção de mundo. Eu tenho memórias de tudo – cada coisa que eu olho se associa a algo que tem uma energia, que tem um mudra que pode ser sustentado ou não e eu vou olhando para as coisas e tudo me impacta e eu tenho uma noção de mundo. Quando essa noção inteira parece que é coerente, nítida - a causalidade daquilo está clara, tudo arrumado - temos a bolha, brilhando. Não tem um lugar que eu consiga olhar que não tenha um engano nítido, brilhante, um propósito, uma inter relação, e eu estou vivo no meio daquilo,

sustentando coisas, mas lá no início do início, nós temos já esse fenômeno que é o fenômeno da energia.

Olhem dentro dos sonhos como o fenômeno da existência, da preservação da vida, está ali dentro. Preservação da vida contra o quê se não tem nada vivo ali dentro?

Vocês olhem essa própria sala de meditação aqui: se não tivermos uma energia aqui dentro, nem vemos a sala. Agora, se estamos preservando a sala, temos uma energia associada a isso e estamos sustentando – *não dá para ter taco solto aqui dentro!*

O ponto da liberação vai ser a integração disso porque aí vem Vajrasatva – não tem nada nesses mudras todos que não seja a própria natureza primordial; nó em pingo d'água. Não tem nada que não seja isso.

Avidya – rigpa e marigpa – é um processo sutil; por exemplo, marigpa vai surgir quando surge esse processo e nos descolamos da lucidez, da experiência da natureza fundamental, serena e estável. A mente fica operando apenas com o reconhecimento daquele mudra, ela fica presa - isso é marigpa - mas nós não precisamos fazer isso. A liberação vem por Vajrasatva - não vem por outro caminho - ou seja, não tem nada de negativo dentro. Eu posso criar mudra e ficar sustentando isso sem nenhum problema se eu não permitir que o problema se instale; e ele se instala quando? Quando aquilo se torna tudo. Nós mantemos esse ambiente amplo - isso é rigpa! Estamos olhando tudo e não tem nenhum problema, andamos por meio daquilo; tem vários mestres em que - no caso da Presença, corresponde à presença desatenta - aquilo já está lá: é Vajrasatva.

Eu acho difícil explicar isso sem energia, sem paisagem, sem mandala. Mas pra nós é muito valioso, se entendermos o surgimento da nossa energia – quando se dá a ignição dela – porque eu posso ficar olhando o samsara fora, mas eu posso olhar o samsara surgindo como resultado da ignição da identidade. É difícil, mas eu posso ver – agora eu estou sustentando o quê? Mas não precisa! Eu não estou engajado nisso!

No samsara tem a co-emergência, a energia do samsara não é a energia do samsara, é energia conjunta, co-emergente. Eu posso dizer que é energia do samsara e posso dizer que é energia minha; agora eu tenho muito mais capacidade de olhar isso, recuar e dissolver. Interessante também é você se mover, vivo, no meio disso. Esse é um aspecto sutil.

Guru Rinpoche - vocês podem ter 100% de certeza porque eu espreeitei e olhei vários textos de Yeshe Tsogyal - Guru Rinpoche tinha energia viva. Realização - como eu sempre imaginei - é a montanha, não se move. A serenidade não é a paralisia, esse aspecto é o refúgio verdadeiro, é Guru Yoga! Guru Yoga é natureza primordial, perdeu Guru Yoga, está perdido; esse é o início da coisa.

Eu considero que essa contemplação é muito importante por causa da noção do apego à vida. Nós entendemos tudo, mas essa coisa do apego à vida - a coisa agora é séria - temos que olhar tudo e agora que nós estamos olhando a identidade, **o surgimento da identidade é o apego à vida**. Se vocês se esquecerem de tudo, pensem assim: *Como é que nós temos apego à vida no meio de um sonho?* Apego à vida é um software. Eu acho bom vocês olharem isso, tentarem chegar nesse ponto e recuarem - operando e retornando - e aí vocês vão gerar as próprias palavras que expliquem melhor para vocês mesmos; mas peguem essa noção de sensação de vida e preservação da vida, peguem isso.

Esse é um ponto crucial; nós vamos entender a passagem entre vida e morte - aquela aflição - vamos cavalgar outros mudras.

Nós temos essa vida que é a geradora das vidas; ela atravessa os seis bardos, mas não é alguma coisa que tenha esse sentido comum de estar apegado ao mundo e fazendo esforços para conseguir alguma coisa. Mas aí, provavelmente, como o mundo fica meio assim, Samantabhadra resolve emanar algumas coisas para ficar mais divertido... Nós podemos retornar a esse contexto de mudras, alaya vijnana e o samsara todo com as sabedorias búdicas - mais ou menos hora do recreio - sabedorias búdicas! O melhor é nós entendermos que podemos fazer surgir as sabedorias búdicas, entendendo o que está acontecendo, mas seguindo refugiados na sabedoria primordial. Para fazer esse movimento temos que praticar meditação senão não conseguimos. Só essa descrição não sustenta.

Resposta à pergunta:

As sabedorias dos cinco diani Budas - podemos focar uma, mas elas estão sempre disponíveis no céu. Podemos ver uma mandala de Akshobia, por exemplo. É muito bonito ver as mandalas. Estamos parados aqui e vemos que cada um está no seu mundo particular e tudo que cada um está vendo está espelhado pelo conteúdo interno - tem o espelhamento do conteúdo interno. A mandala de Akshobia é totalmente abrangente, pega tudo. E aí tem essa noção: mandala é como se fosse uma bolha só que uma bolha lúcida!

E você troca para a mandala de Ratnasambava - os seres se ajudam o tempo todo! Quando vocês estiverem comendo, as cozinheiras vão estar felizes - o que movimenta a energia das cozinheiras e o sino que bateu agora senão a aspiração de nos trazer comida? O mundo inteiro só funciona assim! Aliás, vocês vejam as plantas: elas florescem e a flor é uma coisa completamente inútil, a beleza da flor, o perfume, completamente inútil - funciona só por Ratnasambava - a flor se faz bonita para interagir com o mundo! E não é que funciona? É um golpe secreto - está na cara, mas nós não vemos! Vocês olhem esse aspecto: a mandala de Ratnasambava está em tudo! Se o mundo está inteiro é porque isso está funcionando.

Agora, mandala de Amitaba - mandala de Amitaba está em tudo porque eu sento em silêncio e olho todos os mudras, todas as construções, vejo tudo construído! Eu tenho uma clareza de como aquilo é construído e não tem nenhum pedaço que a mandala de Amitaba não alcance. E assim, uma por uma das mandalas, eu vejo que não tem um pedaço que elas não alcancem, mas eu posso escolher uma mandala - eu me conecto com aquela sabedoria - mas os cinco diani Budas são inseparáveis, estão sempre juntos. Uma sabedoria é conectada à outra e elas estão sempre cem por cento disponíveis. Tem uma mente que pode se associar a isso e ficar olhando desse modo, mas para ser uma mente de diani Buda é necessário que a gente tenha por base a natureza primordial que é de onde emanam essas várias sabedorias. Daí fica interessante: tem essa operação sutil que é muito mais interessante do que o samsara; operação que produz as deidades, as inteligências, as mandalas, os meios hábeis para nós andarmos por dentro do mundo. **A realidade é vajra, então nós estamos usando essa dimensão da realidade vajra produzindo coisas de modo lúcido.**

No samsara, quando nós produzimos coisas, ficamos presos ao que foi construído, perdemos a visão - ignorância, marigpa. Não é ignorância de alguma coisa, é ficar preso, perdido na visão das próprias coisas que a mente construiu. Mas aqui o ponto importante - se vocês se esquecerem de todo o resto - vocês olhem o apego à vida, o aspecto aflitivo disso. Se vocês quiserem um laboratório disso, na

meditação serena de shamata, vocês parem de respirar. Serenos (só evitem morrer!). Se vocês se colocarem nessa posição, pode ser que o impulso de vida não retorne. Tem muitos mestres que controlam o impulso da vida, controlam vida e morte. No Zen especialmente, como eles trabalham muito esse ponto - Ki - tem muitos mestres que transformaram a morte no ponto final de um poema. Eles contam um poema e... morrem! domínio completo sobre o processo de vida e de energia. Tem muitos mestres de diferentes tradições que fazem isso, inclusive os islâmicos. Como eu já estou assim, num certo ponto, outro dia eu comprei um livro sobre as mortes de vários mestres - estou escolhendo uma boa, para não deixar vocês envergonhados... - *Lama Samten morreu gritando, não funcionou nada!* Tenho que fazer uma coisa direita! No mínimo, um atropelamento de bicicleta!

Guardem esse aspecto: estamos meditando sobre o apego à vida. Deixem de respirar um pouquinho e contemplem essa aflição. Não deixem o coração subir de rotação. Tranquilos. Cinco minutos todo mundo consegue! Estamos cheios de apego. Vejam a comida logo mais. Tem batata hoje? Vocês não comam! Praticamos essa consciência no tsog.

IDENTIDADE - parte II

Ensino durante o retiro de Tutores e Facilitadores - Viamão, jan 2012

Esse roteiro complementa o roteiro de oito pontos do Prajna Paramita. Quais são esses pontos?

A mente que movimenta a energia: estamos olhando a co-emergência, mas não abrimos a co-emergência, não olhamos dentro da co-emergência para ver como aquilo surge. Vamos então olhá-la: mente parada, e agora, mente construindo os elementos com energia. Quando vocês tiverem dúvida disso, observem um objeto que não tem energia - se não tiver energia, não se sustenta. A mente cognitiva pode movimentar, mas o ponto é que, se não tem energia, não tem conteúdo. Por exemplo, eu gosto de tomates, mas não tem nenhuma energia que circule quando eu olho pro tomate; então, eu não sei se gosto ou não gosto de tomate... E eu gosto de uma pessoa e olho pra ela, mas tem zero de energia e, se não tem energia, eu nem olho nessa direção, vou olhar em outra direção porque o nosso olhar busca onde está a energia.

Uma vez que nós abandonamos a natureza primordial e entramos num aspecto construído - quando entramos num mundo construído - nós perdemos a energia e o entrar nos mundos construídos é um processo que se dá por energia: eu começo a procurar a energia de outro jeito que não pela natureza primordial e eu fico apegado a esse processo de ter que encontrar algo que movimenta a energia; eu estou sempre olhando as coisas através do processo de energia.

Vamos supor que tem alguma coisa com a qual eu tenha uma conexão e energia; no momento em que eu, cognitivamente, reconheça que tem a conexão, eu posso perceber que não tem mais energia; quando não tem mais energia, eu digo: *passou, acabou, eu mudei, aquilo mudou, eu estou fazendo outra coisa e não tenho mais nem paciência para olhar*. Então, o ponto é sempre a energia.

Se vocês olharem as relações - um tema com o qual nós estamos trabalhando o tempo todo - vocês podem pegar as relações de namoro e casamento: podemos pensar que somos vítimas do tempo, mas também podemos olhar e construir as relações de energia: *que os seres sejam felizes, superem o sofrimento, encontrem as causas da felicidade, superem as causas do sofrimento* e, enquanto vamos olhando isso, estamos movimentando energia, mesmo que seja cognitivamente; nós dizemos cognitivamente várias vezes e não acontece nada, de repente, *plim!* Esse *plim* significa que a energia movimentou e então, nós grudamos na imagem aquela energia e as relações agora se dão com aquele ser cognitivo com a energia correspondente - que mudou - e a paisagem toda muda porque eu mudei isso. E nós vamos mudar o mundo inteiro: nós olhamos para as montanhas "*que as montanhas sejam felizes...*" daqui a pouco elas *plim* "*Sim!*" e construímos Terra Pura. Nós estamos mudando a energia da coisa porque os conceitos, a noção de que aquela pessoa se chama assim, faz isso, faz aquilo, esses conceitos são todos iguais, nós estamos mudando a energia o tempo todo. A energia estabelece o conteúdo das coisas.

Eu acredito que nós podemos trabalhar o aspecto cognitivo reconhecendo a energia como uma forma de pensar, entendem? Mas eu também posso dar esse nome *energia* a um outro padrão de pensamento, um padrão de mente que é o que nós estamos descortinando agora; é uma linguagem que eu acho que nós vamos começar a utilizar aqui, uma linguagem menos budista, mais palatável, que é assim: quando nós meditamos, nós descobrimos que a mente faz muito mais coisas do que apenas pensar.

A mente, por exemplo, cria os objetos do pensamento como nós criamos as pedras de um jogo. Nós imaginamos que a mente está apenas pensando nas circunstâncias do jogo, mas não, ela está criando a paisagem do jogo (tabuleiro e pedras) e sustentando isso. Aí ela começa a pensar sobre isso; uma evidência disso, é que eu posso fazer um estalo com os dedos e me livrar do tabuleiro. O que é fazer um estalo? É o movimento da mente; eu construo outra coisa. Aí nós descobrimos que a mente não só pode criar, como também pode atribuir energia às coisas; é uma criação que eu doto de qualidades. Eu posso dotar de cores, sons, isso já é na linguagem Dzogchen, prática de *togal*; isso já não é mais *trekchod*, é *togal*. *Togal* é quando você vê todas as cores, formas, energia, como manifestação da mente que está produzindo isso. *Trekchod* é quando você olha a aparência e não se engana mais com ela; você consegue furá-la, mas você está vendo a aparência enquanto aparência. Em *togal*, você vê cada detalhe do que for, como manifestação da mente; seguindo essa noção de que a mente pensa, descobrimos que ela faz mais coisas além de pensar: ela constrói através da co-emergência. E faz mais coisas ainda: dota de energia, dota de cor, dota de coisas que não são cognitivas; a energia não é cognitiva - não temos que pensar sobre a energia - ela está lá ou não está lá e as cores também.

Mente que pensa é um ponto curioso: por exemplo, o corpo pensa como as plantas pensam, os animais pensam, as borboletas pensam - inteligência e paisagem. Por exemplo, o corpo reage à paisagem; é uma mente mais grosseira; não é discursiva mas, por exemplo, se mudar a paisagem, a salivagem vem, acontecem coisas, o coração dispara, nós falamos... É curioso: as crianças de noite, de repente, falam; elas expressam verbalmente uma fantasia que surge e o corpo se movimenta. Cada órgão tem uma inteligência, tem um *ki* e, se muda a paisagem, o *ki* do órgão que não estava funcionando pode começar a funcionar e tem inteligências por pedaços. Vamos supor, fazemos um exercício e depois disso o músculo começa a crescer; quebramos um osso, ele funde - tem uma inteligência ali e é melhor trabalharmos com essas inteligências - damos uma arrumada e o resto o

corpo faz. O Buda descrevia isso: os cabelos crescem, as unhas crescem, os ferimentos saram, tem uma inteligência ali.

A linguagem para a inteligência do corpo vem por energia e paisagem, não vem de forma discursiva. Por exemplo, se eu disser: *Venha saliva, venha saliva*, isso pode não acontecer, mas se eu imaginar um limão, uma picanha... Nós então vemos as dimensões cármicas - tem essa mente do corpo. Os mestres vão trabalhando no corpo, gerando uma linguagem para estimular o corpo, eles não precisariam fazer ginástica nenhuma, mas eles geram uma linguagem para acionar o corpo, para estimulá-lo através dos cinco sentidos, das cinco energias.

Ontem eu estava vendo um DVD que eu ganhei de ginástica tibetana - DVD do mestre Tenzin Wangyal, da linhagem Bonpo - ele mesmo demonstrando tudo, a tradição da linhagem dele. Vem o título em tibetano, o texto em tibetano, a tradução verbal em Inglês, ele mesmo demonstrando cada exercício, um por um. Muito interessante! Aquilo é Dzogchen, yoga de Naropa provavelmente; eu nunca tinha visto. Hoje de manhã, eu fiz alguns exercícios e funciona! Nenhum exercício é dinâmico, mas nenhum que eu tivesse visto no Hatha Yoga; exercício com respiração, tudo sentado; interessante, porque é uma prática que podemos fazer em meditação, quando em retiro. Tenzin Wangyal é um grande mestre - um geshe - que fez toda a formação Gelugpa - posso imaginar como ele engoliu aquilo! *"em vidas passadas, eu matei muitos gelugpas..."*. Conexão de amor entre os gelugpas e os bonpos... Interessante como eles trabalham: vão direto para togal e trekchod. Hoje todas as linhagens estão inter conectadas.

Vamos adiante no tema de hoje, nos pontos da dissolução da identidade. Fomos até o **ponto 6** que é **a identidade mais sutil como o apego a manifestar-se pela sustentação da energia e esse apego é a raiz mais funda de avidya**. Eu acredito que esse ponto é o ponto da geração: aí começa o mundo, literalmente; gera aquilo, tenta sustentar, começa a operar e a mente pode se prender naquilo - o software tem um engano - pode se prender, ou não; se se prendeu, começou o samsara.

Aí tem um ponto interessante que podemos olhar: no início, a duração da vida era ilimitada; se eu me prendesse naquilo, não tinha o tempo, podia ficar o tempo que quisesse preso a uma certa coisa. À medida que as coisas foram se tornando complexas, começa-se a sair de uma coisa para outra, começam as paisagens, começa esse processo. Podemos também traçar um paralelo disso com o primeiro dos doze elos. Temos a natureza livre e vem o primeiro dos doze elos: avidya. É isso, faço um movimento, crio um mudra e começo a sustentar; como alguém que sopra uma bolha de sabão e a bolha está lá: *não toque, não mexa, cuidado para não bater* - ficamos presos nisso. Como alguém que faz um desenho numa folha de papel: *não toque, não mexa, não amasse, deixe secar*. Estamos cheios disso; nós só fazemos isso, só que de forma mais complexa, como alguém que sonha à noite e tenta se lembrar do sonho, lembrar aquela imagem, aquela sensação - a pessoa tenta voltar pro sonho - existe esse esforço de controlar alguma coisa. Se tivéssemos uma máquina de fotografar os sonhos, seria maravilhoso! Relação aberta seria mostrar as fotos do sonho! *"Eu não me importo de mostrar as fotos do meu sonho..."*

6 item - Então é assim: a identidade mais sutil como o apego a manifestar-se pela sustentação da energia e esse apego é a raiz mais funda de avidya. Seria assim: tem um mudra, cria-se aquela energia e nós começamos a sustentar essa energia. Até aí, tudo bem, não tem nada; mas então, temos os elementos seguintes: geramos uma inteligência que fica focada na sustentação e como essa inteligência começa a produzir um curso mental, a mente começa se manifestar e surge um ser com a observação

dessa mente. Esse ser se auto-reconhece e tem um apego e esse ser que está olhando desse modo já está em avidya, perdeu a lucidez. Esse ser somos nós, nós nascemos, nós somos isso. Esse ser tem a liberdade original dentro dele, só que ele está fundido com essa ação; isso é o samsara, é um software.

Na linguagem Nyingma se diz que existem 13 sistemas universais que não se vêem; como se fossem 13 universos que não se vêem. Estamos olhando o software que dá origem a esse, mas talvez tenha outros tipos de ilusão que gerem outros corpos; talvez a gente venha a observar isso; assim como estamos vendo este tipo de ilusão, talvez a gente termine observando isso, talvez a gente chegue no mesmo ponto desses mestres que viram esses 13 sistemas. Treze, provavelmente, é um número-sem-número: como os 1.000 braços de Tcherenzig, ou seja, existem múltiplos ou ilimitados universos que podem surgir e que não são penetráveis, são universos abstratos. Mas esses 13 sistemas, todos eles operam por avidya e nesses 13 sistemas, o Dzogchen é o remédio para eles.

Diferença do item 2: a identidade surgindo do apego à sustentação da energia associada a uma inteligência ou uma paisagem - nesse item, vemos isso acontecendo, mas agora (item 6) estamos vendo isso como a raiz mais profunda de avidya, a identidade mais sutil. Eu posso ver uma identidade surgindo do apego, mas não me dei conta de que ela era mais sutil. No fundo, no fundo, ela é mais sutil - ela é o início. Então, **item 6 - Identidade mais sutil como o apego a manifestar-se pela sustentação da energia e como esse apego é a raiz mais funda de avidya**, e ela está presente em todos os seres, incluindo aí as plantas, os vírus, as bactérias e talvez possamos dizer que os átomos também; aí, compreende-se o surgimento do universo e a multiplicidade de formas - todas elas operando pela sustentação da energia - e os seres todos defendendo coisas que não são cognitivas. O universo opera por energia, não opera cognitivamente. Seria fácil dizer que tudo se move assim, mas eu acho que deveríamos contemplar um pouco, porque tem uns ensinamentos que dizem que todas as coisas se manifestam assim; tem esse princípio universal, mas precisaríamos penetrar nisso e contemplar verdadeiramente esse ponto.

De qualquer maneira, podemos ver isso em nós mesmos. Precisaríamos contemplar: retornamos à condição de Presença - que não é a mente fundamental de alaya - e vemos o primeiro movimento: como é que avidya começa a operar. Vemos o mundo surgindo de modo dual; aparece um mudra, sustentação da energia, e nós vamos contemplando e vendo como sustentar. Parece que é um fenômeno externo, eu penso como se fosse externo; como o Buda diz: **a mente se divide em dois, a própria mente opera como objeto e como o que pensa sobre o objeto.**

Em princípio, nós estamos olhando isso e fazendo as práticas: é como se tivéssemos trabalhado longamente os oito itens, olhado e desmontado a sensação de realidade comum. Então, a partir dessa base, olhando o mundo fabricado por co-emergência, vamos nos dando conta de que estamos num silêncio olhando isso, e aí nós vamos ver a realidade desse silêncio; isso seria a Presença e eu gero uma lucidez sobre essa região de silêncio e vejo que ela está ali. Eu trabalho isso em quatro níveis e vejo que, mesmo quando estou distraído, aquilo está presente. Em princípio, não seria uma simulação - uma viagem mental sobre isso - seria uma experiência real; precisamos contemplar isso; não é só uma sequência de pensamentos; eu sigo contemplando.

Num certo momento, vem o **item 7: a noção de cessação** vai aparecer - eventualmente ela é um pouco aflitiva, mas eventualmente, ela é muito liberadora. Surge uma cessação; a superação dessa avidya muito sutil; estamos olhando essa avidya muito sutil que está ligada à sustentação do apego ao apego; tem o apego às coisas, mas agora vimos que temos **o apego a manifestar uma mente sempre**

apegada. Se não tivermos o apego a uma energia que estamos sustentando é porque estamos procurando uma outra coisa para sustentar. Isso fica óbvio – estamos no cotidiano e, se faltar alguma coisa, ligamos a TV - temos o apego às pessoas artificiais dentro de uma história que sabemos que é artificial, mas embarcamos e ficamos sustentando aquilo. Precisamos sustentar alguma coisa, nossa diversão central é essa. Sensação de estar vivo é sensação de estar sustentando alguma coisa. Se a TV não está OK abro o jornal e leio o que está acontecendo: *Oh que horror!* E quando essa energia se movimenta assim, nós nos sentimos vivos. Se não estivermos operando assim, se tirarmos várias coisas... depressão. Ficamos mal até descobrirmos um brilho interno e quando descobrimos esse brilho, eventualmente as relações mudam completamente. Vocês vão perceber isso porque, por exemplo, se não tivermos consciência, quando brotar esse brilho interno, a primeira coisa que vai acontecer é que as relações vão terminar porque as relações não competem com o brilho interno.

Se vocês tiverem a sensação de que brota essa energia e de que o olho brilha, quando vocês se aproximarem das pessoas vocês imaginam que aquilo é uma coisa boa, mas aquela energia sempre sobe e desce - sobe e desce - e ela é complicada; dá sempre muito trabalho fazer com que a energia fique mais ou menos, muito trabalho para fazer a outra pessoa sorrir um pouco porque daí a energia se arruma de um certo jeito; dá um trabalhão danado. A pessoa equilibra isso e vai pensar que as relações produzem um abaixamento da energia. A pessoa está bem e quando se aproxima da namorada ou do namorado, a energia cai; não só cai como é preocupante: *agora tenho que fazer isso, agora tenho que controlar aquilo porque senão dá problema.* A autonomia da energia gera um ser um pouco perigoso porque ele está se tornando independente; mas aqui não estou tratando disso, estou tratando da cessação.

Cessaçã seria assim: nós estamos recuados e, olhando desse recuo, nós estamos sempre manobrando alguma coisa. *De onde é que surgiu essa coisa de eu estar sempre manobrando alguma coisa? Por que eu não posso simplesmente me equilibrar? Eu não vou mais operar uma existência a partir de um equilíbrio constante para ver se minha energia fica melhor porque o outro sorriu, porque o outro está melhor, porque o ar está mais fresco ou está mais quente, melhor isso ou melhor aquilo.* Isso gera uma coisa que tem uma conexão com essa dimensão estável - não está mais operando manobrando coisas - então, pode ser que chegue o dia final em que eu diga: **Bom, aqui eu cessei. Houve a cessação da identidade do samsara - eu não vou mais operar assim.** Posso até operar assim mais um pouco, mas uma vez que já entendi isso, a cessação é inevitável. Ela virá. É uma cessação do tipo: jogo de futebol: *não tenho mais interesse*; é um jogo que você está jogando há vidas, além do tempo, e agora você chegou à conclusão de que não vale mais a pena, não tem porque você se ocupar desse modo assim. Aí vem a cessação.

Não sabemos como é que se aperta o botão *eject* do samsara; dizemos: *o samsara é ruim, tem uma série de problemas, tem vida e morte, tem não sei quantas coisas - como é que eu aperto o botão e saio, zupt?* O botão é esse, isso é cessação. Aí você entende cessação, mas cessação não é iluminação. Isso seria, mais ou menos, a história do arhat - ainda que, em princípio, seja acima de arhat porque tem compaixão e tem compreensão da sabedoria primordial, do prajna paramita - mas ele não é ainda a capacidade de entrar no mundo e de se mover livre no meio dele sem se perder, movimentando tudo, não é! Ainda tem traço de caminho do ouvinte nisso. Eu escapo disso - *vade retro, samsara!* - eu cesso isso, essa brincadeira eu não quero mais. Esse lugar livre ainda é um pouco apertado porque exclui o outro; todo lugar que exclui o outro não é muito amplo. Sabemos que operar desse modo é um engano; essa sensação de engano ainda é algo que não é o final; mas aqui nós estamos olhando essa

etapa. Podemos ver essa cessação; é como se pudéssemos distanciar a mente desse aspecto embrionário do surgimento da manobra da energia que nos deixa preso ou nos faz movimentar; surge uma cessação pela superação dessa avidya muito sutil.

Quando nós estamos presos a essa avidya muito sutil, há a sensação de identidade dentro de um sonho e aqui há um ponto que deveríamos ter cautela: quando nós estamos presos a essa avidya muito sutil, podemos pensar que essa avidya muito sutil é real porque afinal, é o mundo; mas vocês observem que essa avidya muito sutil opera dentro de um sonho também - onde não tem nada que não apenas um jogo abstrato da mente - mas surge a sensação de vida, surge a sensação de querermos proteger a nossa vida. Se vocês olharem o que é essa proteção, ela é alguma coisa que teimosamente tentamos sustentar; se aquilo for atingido, temos uma sensação de morte e derrota e isso é uma simulação de todos os processos da nossa vida grosseira também; nós nos prendemos àquilo, então o sonho e a realidade sensorial são iguais.

Isso nos parece completamente real e contemplamos os seis bardos também: bardo da vida, o bardo do sonho, o bardo da meditação, o bardo do morrer, do pós-morte e do renascer. Em todos esses bardos, eu estou sustentando uma energia onde eu tenho uma escolha. Eu estou sustentando isso e a noção de seis bardos é ilusória também; não tem seis bardos, só tem um bardo: o bardo da ignorância, o bardo de avidya. Só tem um bardo e ele tem esse mesmo software, todos têm esse mesmo software; aí vemos a compaixão dos mestres que vão dividindo tudo, ajudando-nos a compreender e, quando ouvimos a expressão “seis bardos”, parece que aquilo é super profundo. Na verdade, é como Tcherenzig tentando nos pegar em algum lugar e gerar consciência a partir de uma experiência que é um bardo, para que a gente consiga ultrapassar isso; aí vem a noção da continuidade da vida, da reencarnação, construções artificiais, ou seja, tem uma sensação de “eu” e ela se propaga e tenho a sensação de renascimento, de passar de uma coisa para outra e tentar compor, vai dar um sentido para a nossa existência e uma seta que vai traduzir um aprofundamento da consciência.

Vemos que os ensinamentos por camadas tentam nos repescar de algum modo e provavelmente esse conjunto de ensinamentos vai - num prazo não muito longo - voar em pedaços porque nós somos o quê? O planeta Terra é uma bolha impermanente no meio disso tudo; provavelmente outros ensinamentos muito sutis surgiram em outros tempos e aí vem a noção das eras; essa noção é muito densa, está além desses tempos comuns. Nós ficamos olhando as eras como tempos; isso vai além, seguramente.

A cessação se dá fora do tempo. Poderíamos pensar assim: no meio do sonho, *que dia é hoje? que horas são?* O sonho não tem dia, nem hora. Esse é o tempo onde nós estamos imersos; é um tempo além do tempo.

Aí contemplamos os seis bardos e tem esse **ponto 7** - vemos que quando nós não temos essa cessação, a nossa mente esvoaça por dentro de realidades que parecem densas e, com identidades existindo onde não tem identidade, só tem um sopro, só tem um mudra como no caso do sonho; no caso do sonho isso é visível e também tem os seis bardos que surgem mais densos, mas eles não são densos, eles são sonhos também.

Aí vem o **8º ponto**: **a vacuidade e a liberdade surgidas assim, permitem a experiência da mente livre; sabedoria primordial contemplando, descortinando a prisão da manifestação automática das identidades e dos mundos co-emergentes.** Isso é sabedoria primordial. Isso é como se fosse uma frase

comentando o 7º ponto. Estamos olhando esse apego a estruturas sob o ponto de vista da energia. Tem esse lugar chamado vajrasana que é o lugar onde a sabedoria primordial aparece. Contemplamos a dissolução, vamos recuar. Estamos livres, olhando tudo aquilo que está acontecendo: sabedoria primordial contemplando as identidades. E o que são essas identidades? Identidades vajra! Por que vamos criticá-las? Vamos sorrir, qual é o problema? São identidades vajra! Estamos dando nascimento a identidades vajra como inteligências que trabalham com energias, fechadas em si mesmas, ou seja, não olham de forma ampla, olham de forma estreita, e isso enfim é operação por apego – inteligência, energia, avidya e apego. Apenas isso: operação livre da mente que pode fazer isso. Estamos parados, olhando isso. E podemos fazer isso porque primeiro praticamos shamata, depois aliviamos com metabavana e trabalhamos com prajna paramita, olhamos os oito pontos, a co-emergência, descobrimos que a visão de co-emergência é quando recuamos para uma dimensão livre onde podemos ver isso e pela co-emergência vimos energia, mente, bolha, aquilo tudo que é o descortinar de como a realidade parece completamente sólida com identidade, mesmo dentro dos sonhos (não tem nenhuma identidade ali dentro, não tem nada a não ser a sustentação de alguma coisa) e nós repousamos no estado livre de onde podemos olhar isso. Se desconfiarmos se é livre ou não, podemos ver o surgimento daquilo; então essa é uma natureza que não tem nenhuma construção. Observando as construções do lado de fora, vamos desmontando tudo e nos vemos livres do processo de ter que gerar identidades e ter que ficar sustentando as identidades. Aí nós vemos que existe uma natureza primordial que observa isso e que não precisamos operar desse modo; vemos que os seis bardos não precisam ser considerados sólidos; eles também são manifestações disso. **Eu recuo e vejo as identidades surgindo como natureza vajra (item 9?)**; não as critico, elas fazem parte do jogo como o peão, a torre; elas surgem, estão jogando, e eu não tenho por que achar que ali tem algum problema; então, a mente livre agora contempla as identidades; contempla, mas não critica. Isso é vajrasatva porque as múltiplas manifestações não são negativas; elas são apenas o que são e, se tem alguma coisa negativa, é a incapacidade de ver.

Então, se olharmos aquilo como está na nossa frente - como sempre esteve - nós vemos, e se não formos capazes de ver, é porque estamos jogando um jogo; nós só vemos a partir da base do jogo. É como no jogo de xadrez: não vemos como é que surge a torre, como é que surge o peão; não vemos, mas recuamos e passamos a ver o primeiro movimento - o mudra que eu estou sustentando.

Item 10, a mente livre das identidades se vê além da identidade de um Buda; então a própria noção de Buda é uma construção, ela pertence ao caminho; os budas só existem no caminho; cessando o caminho cessam os budas juntamente; a mente livre das identidades vendo-se além da identidade de um Buda, além de tatágata. Ela se vê totalmente livre como manifestação vajra das múltiplas identidades, da multiplicidade de identidades e de manifestações apegadas, manifestações dessa mesma mente livre, sem nenhum problema!

Esses variados seres são entendidos como inteligências, energias, avidya e apegos auto-surgidos e auto-fixados, mas essencialmente vazios como essa própria mente livre: isso é vajrasatva. Perfeição da imperfeição - Samantabadra - Vajrasatva oferece o remédio, Samantabadra é isso. Isso que nós estamos olhando é oferta de Samantabadra, olhamos em todas as direções, oferta de Samantabadra.

Aí vêm os meios hábeis - **item 11º**: as múltiplas inteligências e energias (aqui sem avidya e sem apegos porque avidya e apego podem operar juntas ou não) **vistas como recursos que podem ser acessados, utilizados e liberados sem a necessidade de serem vistos como propriedades ou**

características de seres ou identidades - não são propriedades de nada, são liberdades e podem ser acessadas sem apego e sem avidya, sem fixação em mundos e paisagens. A mente livre manifestada desse modo corresponde a darmamega se movimentando (darmamega são as qualidades impessoais); olhamos as qualidades impessoais se manifestando em múltiplos seres. O Buda não é um tatágata - um ser que anda pelo mundo - ele é a lucidez e os meios hábeis se movimentando livres para qualquer ser acessar. E quando esse ser acessa - ainda que ele seja um ser ilusório - ele se conecta com isso e isso vira um caminho de manifestação de darmamega. Então os seres, quando se conectam desse modo, ainda que parcialmente tenham avidya, eles estão operando a partir dessas qualidades, como operamos a partir de Tcherenzig, Vajrasatva, os cinco Diani Budas, etc. Então tem ignorância, mas esses seres se tornam emanações dessa sabedoria.

E aí **tem o 12º** quando novamente contemplamos o aspecto da sabedoria primordial. Assim como tem na linhagem Nyingma e na tradição Dzogchen também, sabedoria primordial é o Buda primordial. Não tem separação - a experiência de sabedoria primordial é a experiência do Buda primordial - aquilo que dá sentido à expressão *Buda primordial* é a existência, a manifestação mágica da sabedoria primordial.

O ponto seguinte já é a construção do bodisatva e dos lungs - retornamos e vamos manifestar o lung do elemento éter, entrar nos mundos de um certo modo, sustentar essa energia e depois, elemento ar, água, etc, treinamento para ovni: descemos no mundo, geramos um corpo igual ao daqueles seres e tudo começa a funcionar.

Aqui neste ponto, estamos dentro do prajna paramita e presença, descrita antes.

Prajna paramita, Presença, retorno para os oito itens, depois esses 12 itens, e vamos construir a entrada no mundo de novo, através dos lungs. Mas eu acho que, quando estamos começando, passando pela primeira vez por esses 21 itens, talvez seja melhor passar primeiro com os lungs porque com os lungs é quase que como uma purificação; estamos nos percebendo com esse lung no meio das coisas comuns, mas aqui, como já está colocado, seria o lung surgindo como bodisatva mesmo.

Podemos gerar esse bodisatva por compaixão, criamos essa coisa artificial que é o bodisatva e o voto de bodicita, mas o voto de bodicita, para poder ser exercido, precisa de liberdade; é preciso ter cessação, senão como é que vou exercer bodicita? Se não tem avidya não tem apego - aí está o bodisatva. Numa etapa anterior, eu posso gerar o bodisatva sem muita compreensão, mas ele tem a generosidade, moralidade, paz, energia constante/ concentração e depois, sabedoria transcendente que é o prajna paramita, porque as seis perfeições são isso: o caminho do bodisatva nos seis primeiros níveis, os seis aspectos do Sutra do Diamante. Dana, sila, kshanti, virya, dhyana e prajna. Prajna, rigpa. E o sétimo nível é quando podemos ligar e estabilizar (o sexto é quando aquilo acontece). O oitavo é quando ligamos e nos mantemos estáveis e o nono é quando andamos por todos os lugares sem perturbação - é o tatágata, o Buda - e o décimo é darmamega, esse aspecto impessoal que está operando. Se os budas são budas é porque tem darmamega.

O que salva esse roteiro é o fato de que não conseguimos realmente completar um nível para entrar no outro; vamos arranhando isso tudo e passamos várias vezes. Nessa etapa que nós estamos olhando, vocês não precisam ver como uma sequência; estamos num item, mas todos os outros estão presentes; começa a melhorar um por um, vamos aprofundando um por um, mas quando estamos apresentando isso para as pessoas ou estamos falando sobre isso, é melhor ter uma sequência porque não temos

uma realização disso. A sequência é mais útil; eu acho que nós podemos entrar em qualquer uma dessas áreas e ampliar. Nessa abordagem que nós estamos olhando, mesmo coisas muito simples como a motivação, já é uma coisa lá de cima... motivação é uma coisa muito extraordinária! Como é que a natureza primordial vai gerar uma motivação para atuar? De onde é que vem isso? Isso já é a emanção da deidade Tcherenzig. Tcherenzig vivo porque é uma emanção, vou fazer o quê? Já cessei - a compaixão comum desapareceu (do tipo "oh, o outro está mal, sofrendo por vidas") - cessamos nós e os seres cessaram também, mas ainda assim tem esse aspecto primordial de Buda Samantabhadra que emana Tcherenzig e Tcherenzig opera; emana os outros budas também; sob essa perspectiva, o primeiro passo é emanção de Tcherenzig, aquilo já nem é voto de bodicita - compaixão e amor - já é emanção de Tcherenzig ou Arya Tara. Aliás, não tem diferença nenhuma, não é? Ou tem diferença entre manifestação masculina e feminina? Não tem!

Tcherenzig tem uma configuração meio andrógina, às vezes, aparece como mulher e vira Kuanin - o nome Kuanin é Avaloktesvara. Avaloktesvara é Kuanin, mulher!

Dá para fazer esse caminho direto sem dissolução, mas o ponto é que, se não desenraizarmos o samsara, nós vamos operar essas qualidades segundo a realidade do samsara: vai ter avidya e apego ainda. No Sutra do Diamante se diz: os bodisatvas fazem o voto de trazer benefício a todos os seres e de iluminá-los na extensão completa e, justo por isso e ainda assim, os seres já estão completamente libertos, quando eles fazem esses votos já estão completamente libertos; significa que eles não têm nem apego, nem avidya. Eles não têm uma mente estreita, eles estão olhando os seres que já estão libertos, no sentido de que a natureza dos seres já é isso, não tem como fixar, não há os seres a serem libertados. Muito bom estudar de novo o Sutra do Diamante. Vocês lembrem que o Sutra do Diamante não é uma coisa pequena: o 5º patriarca transmitiu o lung do Buda Sakiamuni ao 6º patriarca através do Sutra do Diamante; está tudo ali. O Sutra do Diamante é o Prajna Paramita só que é o prajna paramita onde nós estamos vendo o surgimento do movimento, uma ambientação muito mais ampla que o Sutra do Coração que é só a essência mesmo.